

**MARX e ENGELS: CRÍTICA DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO<sup>1</sup>****MARX e ENGELS: CRÍTICA DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO****MARX e ENGELS: CRÍTICA DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO**Roger Dangeville<sup>2</sup>***Apresentação***

Todos os escritores comunistas e socialistas partiram desta dupla constatação: parece, por um lado, que os fatos retumbantes mais fecundos não produzem resultados brilhantes, e chegam a atingir a trivialidade e, por outro lado, *todos os progressos do espírito* foram, até aqui, *progressos dirigidos contra a massa da humanidade* que foi empurrada para uma situação cada vez mais *desumana*. Eles consideravam portanto, (como Fourier, por exemplo) o *progresso* como uma *frase* abstrata, despida de sentido, ou supunham (como Owen, entre outros) que o mundo civilizado sofria de um vício fundamental. A partir desta observação, submetem as bases materiais da sociedade atual a uma *crítica incisiva*. A esta crítica comunista correspondeu imediatamente, no domínio prático, o movimento da *grande massa*, contra a qual se tinha até então desenvolvida a evolução histórica (Marx-Engels. *A Santa Família*. In: Werke, 2, p.88).

***O processo da alienação crescente***

Uma antologia de Marx-Engels sobre a educação, o ensino e a formação profissional só pode ser uma crítica, e o seu título – como o das obras já publicadas sobre este assunto<sup>3</sup> - não deve fazer crer que se trata de uma apologia. Esta crítica da educação – como o foi a da economia política – baseia-se essencialmente em critérios de classe que sublinham o caráter falsamente imparcial e objetivo de todas as instituições existentes que encontram finalmente a sua explicação na *economia*.

Para já, Marx reúne numa síntese formidável as características da burguesia, que ele define de um modo que pode parecer paradoxal a alguns: “O *dinheiro* e a *cultura* são os seus dois critérios essenciais”<sup>4</sup>.

Neste nível burguês da evolução humana, ambos, monopolizados pelo capital, se separaram do trabalho das massas após um processo milenário que deriva das necessidades da produção: “A primeira grande divisão do trabalho – a separação da cidade e do campo – já condenou a população rural a milhares de anos de embrutecimento, e os cidadãos à submissão ao ofício individual. Aniquilou *as bases* do desenvolvimento físico dos segundos. Desde então o camponês apropria-se do solo e o cidadão do seu ofício, e são eles mesmos apropriados pelo solo e pelo ofício. *Ao dividir o trabalho, divide-se igualmente o homem*, sendo todas as outras potencialidades intelectuais e físicas sacrificadas ao aperfeiçoamento de uma atividade única”<sup>5</sup>.

À medida que a divisão do trabalho se desenvolve, o saber, a arte e a cultura separam-se dos produtores, passam para as superestruturas e são monopolizados pelas classes dominantes: “Enquanto o

conjunto do trabalho da sociedade produzir um rendimento que só a custo excede o que é preciso para assegurar parcimoniosamente a existência de todos, enquanto o trabalho exigir todo ou quase todo o tempo da grande maioria dos membros da sociedade, *esta divide-se necessariamente em classes*. A par do maior número exclusivamente votado à submissão ao trabalho, forma-se uma CLASSE *liberta do trabalho diretamente produtivo* que se encarrega dos assuntos comuns da sociedade: direção do processo de trabalho, administração do Estado e dos assuntos políticos, justiça, ciência, belas-artes, etc. *É a lei da divisão do trabalho que está pois na base da divisão em classes*<sup>67</sup>.

A tese que aqui se impõe, é que tendo a burguesia sido em primeiro lugar revolucionária, tornando-se depois conservadora e finalmente contrarrevolucionária, a sua direção da produção e do Estado, bem como a sua justiça, a sua ciência e as suas belas-artes, foram úteis e progressivas no início, e em seguida degeneraram.

A divisão social do trabalho faz com que “a atividade intelectual e material, o prazer e o trabalho caibam em partilha a indivíduos diferentes”, e tem, entre outras consequências nefastas para o trabalhador, a oposição entre riqueza e pobreza, *depois entre saber e trabalho*: “Este antagonismo entre a riqueza que não trabalha e a pobreza que trabalha para viver faz surgir por sua vez uma contradição ao nível da ciência: o saber e o trabalho separam-se, opondo-se o primeiro ao trabalho como capital ou como artigo de luxo do rico.” E Marx cita o fisiocrata Necker: “A faculdade de saber e de compreender é um dom geral da natureza. Contudo ela só é desenvolvida *pela instrução*. Se as faculdades fossem iguais, cada um trabalharia moderadamente” (e Marx conclui: “é, pois, mais uma vez o tempo de trabalho que é decisivo”), “e cada um saberia um pouco, porque ficaria para cada um uma porção de tempo” (livre, precisa) “para se entregar ao estudo e ao pensamento<sup>87</sup>”.

Uma sociedade, cuja condição *sine qua non* é reproduzir num polo a miséria e no outro a riqueza, produz forçosamente também, dum lado, a civilização e, do outro, a bestialidade: “Segundo Storch, o médico “produz” a saúde (mas também as doenças), os professores e os escritores as luzes (mas também o obscurantismo), os poetas, pintores, etc., o gosto (mas também o mau gosto), os moralistas, etc., a moral, os pregadores o culto e o trabalho, os soberanos a segurança, etc.<sup>9</sup>”

Assim que a separação entre saber e trabalho é efetiva, na sociedade, está lançada a base para um ascenso gigantesco das “trocas” que assentam no mercantilismo. A “massa”, pobre e ignorante, pode a partir de então ser enganada e cair além disso em fraudes preparadas pelos ricos que dispõem de todos os materiais e intelectuais da sociedade, num mundo baseado precisamente na acumulação da riqueza à custa de outrem.

A própria ciência é a partir de então venal e compra-se, é um ídolo, um meio de opressão e de extorsão de mais-valia nas mãos do capitalista. Não pode, com efeito, estar acima das condições alienadas que a produziram como esfera reservada a uma pequena elite. Nestas condições, um autor alemão classificou muito justamente a ciência de *Kochbuch*, livro de cozinha, que os homens elaboram nem mal nem bem para produzir objetos e instrumentos úteis à sua vida.

Esta definição exprime de modo feliz a “relatividade” das ciências, que o idealismo idolatrou como verdades absolutas e imutáveis. De fato, a ciência alienada segue uma curva tormentosa, efetuando

um salto em frente quando da introdução de um modo de produção novo, depois fazendo má, e, finalmente, péssima cozinha durante a fase conservadora e contrarrevolucionária, para tornar a dar um salto com um novo modo de produção<sup>10</sup>.

Só com a ditadura mundial comunista, que terá revolucionado as relações materiais, ficarão as ciências e as artes libertas da sua parcialidade e das mentiras de classe, e conhecerão, na base de um desenvolvimento insuspeitado das forças produtivas<sup>11</sup>, um ascenso tal que os nossos contemporâneos não podem fazer dele uma ideia – sobretudo se tomarem por um país socialista a cópia conforme do capitalismo que é a Rússia de hoje, que chega a comprar ao Ocidente senil uma louca técnica degenerada, impulsionada pelas guerras e o armamento.

### ***Espoliação e mistificação***

A partir do momento em que se aborda o problema da cultura, da ciência, das artes e das letras de uma sociedade, encontramos-nos na esfera a que o marxismo chama as *superestruturas* que são o PRODUTO da base econômica, ou seja, do trabalho da classe produtiva de que as classes privilegiadas se apropriam. Importa pois considerar o produto sob um duplo ângulo: em primeiro lugar os materiais que derivam do processo de trabalho sobre o mercado para serem diretamente consumidos; em seguida, o produto social indireto, ou seja, a divisão do trabalho suscitada pelo modo de produção e sobre a qual se enxertam as classes e as superestruturas. Esta dissociação crescente nas sociedades sucessivas de classe torna-se cada vez mais antagônica, enquanto a opressão se faz mais dura para as classes exploradas.

Ainda na Idade Média, o artesão – como o camponês proprietário da sua parcela – detinha o produto do seu trabalho. É apenas sob o capitalismo que se separa sistematicamente o *produto* do trabalhador assalariado e das suas condições reais de produção, que só podem ser sociais e coletivas, para ser atribuído ao capitalista individual. Assim que o produto imediato – a obra – é dissociado das suas condições de produção, a arte e a ciência separam-se da massa da produção social e autonomizam-se por conta dos capitalistas<sup>12</sup>.

Ao dividir os diversos tipos e formas de trabalho que conduzem à obra, opera-se uma inversão sistemática das relações reais que suscitam o idealismo absoluto das classes privilegiadas, que tudo fazem partir do Espírito ou da Ideia – da sua esfera ociosa do tempo livre – para se justificar como elite<sup>13</sup>. É daí que nascem as loucas teorias fascistas, que se expandem hoje em todo o mundo na hora do capitalismo degenerado, sobre o Homem de exceção que guia as massas, do Gênio que se apodera da arte e do Sábio que detém a luz do Saber, não passando todas estas figuras da idealização de Sua Majestade o Capital na corporativista divisão do trabalho que encerra o indivíduo na sua especialização E na sua não-especialização.

Na visão marxista, o gênio não passa da superestrutura determinada fundamentalmente e em última análise pela atividade produtiva das massas imensas que despendem esforços quotidianos com as suas lutas e os seus dramas.

O capital opera uma dupla frustração das massas. Em primeiro lugar, o corpo especializado de pensadores, de artistas – e de professores que transmitem o saber de geração em geração, para o “reproduzir”, conservando-o e perpetuando-o – tira o que há de melhor no saber e na sensibilidade que emana do trabalho das massas, enquanto elas próprias permanecem incultas.

Em seguida, por intermédio do mercado – que não é como o desejava Estaline, troca neutra, mas troca com lucro, roubo, pilhagem e espoliação –, as massas ficam desprovidas do fruto dos seus esforços. O processo é fácil, dado que, nos nossos dias, tudo se transforma neste dinheiro – força social concentrada, universalmente reconhecida e *que comanda o trabalho de outrem* – que permite à classe dominante apropriar-se e representar também as superestruturas intelectuais, artísticas e filosóficas de toda a sociedade, monopolizando a cultura do passado, do presente e mesmo, se os não impedissem disso, do futuro, e mostrando-se civilizados, sacrossantos, justificados, até mesmo indispensáveis – hoje como ontem.

### ***Derrube dos ídolos e desmistificação***

Na simples linguagem do marxismo, dir-se-ia que são de fato os inumeráveis trabalhadores da sociedade que pegam na mão – ou animam a obra – do artista ou do cientista, que não são inspirados nem pelo Espírito nem pelo Gênio – ocas abstrações das sociedades de classes privilegiadas, sempre idealistas, porque colocam o pensamento como princípio superior e inicial de todo o bem e de todo o progresso, ao forjar o Grande Arquiteto dos racionalistas iluministas burgueses, clericais ou franco-maçãos, estalinistas ou maoístas.

Em suma, tudo se reduz a jornadas de trabalho, e o seu resultado varia, não em função do mérito individual, mas do mecanismo social da divisão do trabalho, que concentra os meios de expressão da sociedade nalgumas mãos mais ou menos talentosas, sendo os momentos privilegiados do trabalho das massas apropriados por um corpo de especialistas que se rodeiam da auréola de uma glória, de um prestígio e de um salário particulares, servindo-lhes as massas incultas de ferramentas ou de escravos sem alma. Nada exprime de maneira mais cínica esta submissão dos trabalhadores do que o *slogan* segregacionista da República Democrática Alemã, pretensamente socialista, onde reinam os negócios, o dinheiro e a divisão do trabalho: “A aliança organizada do Trabalho com a Inteligência”, sendo esta a esclarecer, a fecundar e, naturalmente, a guiar as massas operárias consideradas cegas.

A divisão crescente do trabalho apenas reforça a privatização cada vez mais geral dos privilégios e das obras “nobres”. Na Idade Média, a própria arte religiosa, cem vezes menos beata e conformista do que a arte venal retilínea de hoje, era mais anônima. Não estando ainda de modo algum separada do trabalho das massas e dos “artesãos”, era de melhor grado atribuída aos produtores do que às classes dominantes, que guerreavam, festejavam, administravam e só foram integradas no seu declínio na corte do Rei-Sol, símbolo de toda a cultura.

### ***Produção coletiva e apropriação privada***

Na alvorada das sociedades de classe, a arte grega *ainda não conhecia esta individualização furiosa das obras pelas pessoas privadas*, dado que os meios de produção, o trabalho e o produto estavam infinitamente menos separados e encerrados do que hoje, e a arte beneficiava ainda muito do apoio dos meios produtivos da coletividade. Hesíodo<sup>14</sup> não falava de gênio, de elite ou de obra-prima, mas de obra e de jornada, tal como se designava por jornal o espaço de terra que um camponês (jornaleiro) pode cultivar com as suas forças de uma jornada. É significativo que o termo grego *erge* designe a obra, ao mesmo tempo enquanto *trabalho de todos* e *soma*. Em italiano, chama-se *ópera* tanto à jornada de um trabalhador agrícola como a *Traviata*.

Na fábrica moderna, operário é diretamente vítima desta inversão das relações que atribui à hierarquia vinda das escolas o mérito da técnica. Na parte intitulada “Mistificação do Capital” do *VI Capítulo Inédito do Capital*<sup>15</sup>, Marx afirma peremptoriamente: “A ciência, *produto intelectual geral do desenvolvimento da sociedade*, surge, também ela, diretamente incorporada no capital e a sua aplicação no processo de produção material independente do saber e da capacidade do operário individual. Como o desenvolvimento geral da sociedade é explorado pelo capital, graças ao *trabalho* e agindo sobre o trabalho como força produtiva do capital, apresenta-se como o próprio desenvolvimento do capital.”

De fato, esta mistificação é a mais odiosa no maquinismo moderno, onde “o verdadeiro agente do processo de trabalho total já não é o trabalhador individual, mas uma força de trabalho coletiva que se combina cada vez mais socialmente<sup>16</sup>”.

O despojar o trabalhador coletivo da sua obra origina a anexação do seu gênio inventivo às funções do capital e aumenta ainda a divisão do trabalho que “engendra os especialistas, os peritos e, com eles, o idiotismo profissional<sup>17</sup>”. Esta autonomização das tarefas intelectuais provoca por sua vez a inversão “idealista” que defende a primazia do Espírito como fonte e justificação de privilégios econômicos exorbitantes. Face a este idealismo sórdido que corresponde bem ao materialismo burguês, Engels restabelece as coisas na sua relação verdadeira: “Quando uma sociedade tem uma necessidade técnica, isso não dá mais impulso à ciência do que o fariam dez universidades<sup>18</sup>.” Ora, na sociedade capitalista, esta necessidade é essencialmente dominada pelos negócios: “Quase todas as invenções desde 1825 foram o resultado de colisões entre operários e empresários, tentando estes por todos os meios depreciar a especialidade do operário<sup>19</sup>”, e fazer baixar o salário por meio de uma alta correspondente dos lucros para o capitalista<sup>20</sup>.

O capitalista que utiliza na sua fábrica as máquinas mais aperfeiçoadas não é ele mesmo a maior parte das vezes de uma ignorância técnica crassa<sup>21</sup>, - e de resto não é melhor assim?

A ciência e a técnica fazem parte da base econômica, enquanto a cultura, com as belas-artes, a filosofia e a religião, fazem parte da superestrutura na divisão em classes do capitalismo. Claro que a ciência, produto geral do desenvolvimento humano, é monopolizada pelo capital, mas esta apropriação só se efetua depois de a técnica e de a ciência terem sido produzidas pelo “trabalho coletivo” no processo de trabalho imediato, de maneira tão material como os artigos da produção. Não é a sede de promover a ciência e a cultura que anima o capital; a sua tendência irreprimível para o lucro faz-lhe aplicar a ciência descoberta pelo trabalhador coletivo. Com efeito, a ciência e a técnica, que são a força produtiva e a

riqueza maior, são gratuitas para o capitalista: “A ciência não custa absolutamente nada ao capitalista, o que não impede de a explorar. A ciência de “outrem” está incorporada no capital pela mesma razão do que o trabalho de outrem<sup>22</sup>.”

É preciso igualmente distinguir a ciência nascida das necessidades da produção da que se ensina nos institutos e universidades, que é a forma abstrata e esclerosada do saber, forma que, no livro IV do *Capital* sobre a evolução das *Teorias sobre a Mais-Valia* para a sua de degenerescência, Marx definiu, segundo o exemplo da ciência econômica, como se segue: “O último grau é a forma professoral<sup>23</sup>: procede de maneira 'histórica' e, com uma sensata moderação, rebusca em tudo o que há de ‘melhor’ sem se deixar travar pelas contradições, porque só tem uma única preocupação: ser completa. Priva todos os sistemas do que era a sua alma e a sua força, e todos acabam por se confundir tranquilamente na mesa do compilador. O calor da apologética tempera-se aqui pelo saber que lança um condescendente olhar de comiseração sobre os exageros dos pensadores economistas e os faz boiar como curiosidades no caldo incolor do seu compêndio. Como estes tipos de trabalhos só se efetuam quando a economia política, enquanto ciência, terminou o seu ciclo, temos aí ao mesmo tempo o *túmulos* desta ciência. Será necessário sublinhar que estes sublimes homenzinhos se julgam igualmente muito acima de todos os ‘sonhos’ dos socialistas<sup>24</sup>.”

### ***A arte cada vez mais superestrutural***

Uma outra consequência do capitalismo é *separar a arte da técnica*, abstraindo-a cada vez mais da produção coletiva, para dela fazer uma questão individual. Carece então de todos os meios materiais: praticada em amadorismo, mergulha no esquecimento ou na insignificância; tornada venal, sucumbe às negociatas burguesas.

Nos antigos Gregos, *techné* significava ao mesmo tempo técnica e arte, sendo as duas inseparáveis. E, de fato, por que razão a técnica, o gesto produtivo comum a todos numa dada fase social, não conduziria senão ao vulgar, como o atual empirismo abstrato a partir do qual se fabrica penosamente a física “experimental” e a tecnologia? E então, por que razão a grandeza e a nobreza apenas existiriam na arte de alguns raros homens, animados pelo gênio de alta potência, cujo único saber permitiria construir uma doutrina, um edifício ou uma máquina?

Para o marxismo, a arte e o trabalho são a mesma coisa, e é com a abolição da odiosa divisão do trabalho, conseqüentemente embrutecedora, que haverá fusão entre poesia, ciência e trabalho físico. Não é possível expulsar a arte e os seus males do conjunto das relações do homem-espécie com a natureza. O próprio Marx queria escrever uma história do trabalho, da técnica e da produção sobre cujas bases se ergue ao mesmo tempo a história da ciência e da arte, cujos produtos explicam se se tiver em conta o duro caminho que todos os seres vivos abrem na vida e na produção de todos os dias, com a contribuição de todos – mesmo se essa história é alienada enquanto a sociedade estiver despedaçada em classes antagônicas.

O que se torna a arte sob o capitalismo? Este cria em primeiro lugar a ilusão de promover as “belas artes”, porque retoma as de todo o passado para se tornar o representante de toda a sociedade, de

ontem, de hoje e de amanhã, no que ela tem de melhor, e submete-as em seguida a uma exploração comercial de um modo geral. Enquanto a técnica, estreitamente ligada à produção, se entusiasma e incha cada vez mais como uma verdadeira elefantíase, a arte torna-se cada vez mais abstrata, etérea, superestrutural. É por isso que liga mais os nossos contemporâneos às sociedades primitivas ou antigas, infelizmente na ordinária de formação venal que predomina nos nossos dias.

Se o produto da arte degenera menos depressa do que a técnica, é que a sensibilidade está um pouco menos corrompida e falseada do que as abstratas verdades ensinadas que se podem usar e tornar a usar da maneira mais fácil do mundo. Além disso, a arte pavoneia-se menos no conservantismo do que a técnica comercial, mais próxima das máquinas, ou seja, nos nossos dias, do capital, que degenera o mais monstruosamente nas indústrias sofisticadas e no armamento destruidor que as precede. A indústria automóvel, esse pilar da técnica e da economia modernas, não restaura ela, só por si, mais preconceitos do que a antiguidade alguma vez pôde produzir: o culto desse moderno Jaggernaut<sup>25</sup> não exige diariamente, no mundo “desenvolvido”, que centenas de homens passem sob as rodas do monstro moderno?<sup>26</sup>

### ***Luta ideológica em primeiro lugar***

Uma sociedade dividida em classes suscita necessariamente uma divisão entre a base econômica e as superestruturas jurídicas, políticas e ideológicas, evoluindo cada um destes níveis da pirâmide de forma desigual e específica em relação aos outros. Contudo, enquanto a economia é antagonista, o capital que implica no outro polo o assalariado, como a burguesia supõe o proletariado, as esferas jurídica, política e, mais ainda, ideológica – com o Estado e a educação nacional que ele dispensa – apresentam-se como homogêneos, sem antagonismo nem contradições de classe.

É por isso que Marx e Engels estigmatizam de forma mais categórica as manifestações intelectuais do que as formas econômicas e mesmo políticas das sociedades de classes: o proletariado deve agir ainda nas condições materiais da sociedade onde vive e produz, utilizando meios políticos, *quando só dispõe de seu das suas ideias e dos seus princípios*, nascidos do seu meio material de vida e de produção, para orientar a evolução social no sentido dos interesses socialistas – de classe em primeiro lugar, portanto ainda políticos, sem classes em seguida.

Nestas condições, o marxismo origina primeiramente uma luta de ideias, e é neste domínio ideológico que se delimita em primeiro lugar, e mais radicalmente, em relação às formas de pensamento da burguesia e das classes dominantes que a precederam. Contudo, o proletariado dispõe desde então do seu próprio Estado transitório de classe e empenha-se em transformações revolucionárias da sociedade, as mudanças materiais precedem de novo as da consciência, e o marxismo atribui a prioridade à eliminação – segundo o seu programa e a sua visão teóricos – das condições objetivas econômicas – a propriedade privada, o capital, o salariado, o dinheiro e o mercado –, e só em seguida desaparecerão progressivamente as instituições humanas que são as nacionalidades, o Estado, a família, as classes, ou seja as sinecuras bem como as especializações, as profissões “nobres” e as manuais, com os ídolos separados da produção e das massas que são a Cultura, a Arte, a Ciência e a Técnica apropriadas hoje pelo capital. É só então que

surgirá um homem radicalmente novo pelo seu pensamento, a sua sensibilidade e as suas aspirações, tendo finalmente a humanidade saído da sua pré-história.

Hoje – nomeadamente nos países “desenvolvidos” - reinam uma falta de vigor e uma resignação vergonhosas perante uma crise que se tornou tão profunda e tão geral que abala a produção e as instituições do Estado, privando centenas de milhões de homens dos meios de ganhar a sua vida e arruinando todos os valores e as ideias recebidas sobre o bem-estar, a promoção social e a toda-poderosa técnica que a ciência oficial ensinou<sup>27</sup>.

Os próprios proletários recuam, como que assustados pela enormidade da perturbação total que a sua revolução implica. Os partidos oportunistas que prepararam este derrotismo empregam todos os esforços para “tranquilizar”, identificando para isso socialismo e capitalismo por todo o lado onde podem. E é no *domínio das ideias* que defendem menos uma ruptura radical, e apresentam os valores da Democracia, da Ciência, da Técnica, da Arte e da Cultura como entidades universais, válidas para sempre - para além das barreiras de classe e das formas de produção. De qualquer forma, para eles, o socialismo não passa do prolongamento e da expansão de todos estes ídolos das sociedades de classes.

A tentativa para fazer derivar o “marxismo” de Hegel é a ilustração disso, e despe o socialismo científico das suas bases de classe. Constitui além disso uma monstruosidade absurda, dado que o pensamento das classes dominantes engendraria o socialismo científico do proletariado, sendo as ideias produzidas não pela base material específica, mas pelas próprias ideias – o que encanta, evidentemente, os profissionais especialistas do “trabalho intelectual”.

### ***Uma estrita concepção de classe***

É partindo de três princípios, que Marx-Engels tiram as suas conclusões teóricas, diametralmente opostas às das classes dominantes.

Em primeiro lugar, não são os pensamentos e os desejos dos homens que fazem a vida e as circunstâncias materiais, são as condições económicas que formam a base de todas as manifestações intelectuais da sociedade humana. Se há educação, são portanto as condições materiais que é preciso “educar” ou melhor revolucionar, e não as pobres cabeças! Ora, a crise económica que abala e perturba o mundo capitalista está em vias de ensinar mais “verdades” do que todas as ciências burguesas das escolas e universidades avariadas: ela leva as massas proletárias a intervir no sentido do seu programa de classe, e chegará a altura em que estabelecerão uma superestrutura política para “agir em contrapartida” sobre a economia, a fim de a transformar, após terem forjado um sindicato e um partido de classe<sup>28</sup>.

Em seguida, cada forma de produção e de sociedade sucessiva tem as suas ideias e o seu saber *próprios*. Claro que se combinam com um determinado fundo comum de todas as classes exploradoras, mas de cada vez de uma maneira específica.

“Os pensamentos da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes. As ideias que predominam, por outras palavras, a classe que é a potência *material* dominante da sociedade é também a potência *espiritual* dominante. Em consequência, a classe que dispõe dos meios da produção material,

dispõe ao mesmo tempo dos meios da produção intelectual, de tal forma que lhe estão submetidos também os pensamentos daqueles que são desprovidos dos meios da produção intelectual. Os pensamentos dominantes não passam da expressão ideal das relações materiais dominantes: são essas relações materiais dominantes tomadas sob a forma de ideias. Por outras palavras, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, ou seja as ideias da sua dominação.

Os indivíduos que formam a classe dominante possuem igualmente, entre outras coisas, uma consciência, e portanto pensam. Dado que dominam como classe e determinam uma época histórica em toda a sua amplitude, é evidente que dominam sob todos os aspectos; ou seja, dominam, entre outros, como seres pensantes, como produtores de ideias, regulando a produção e a distribuição dos pensamentos da sua época. As suas ideias são portanto as ideias dominantes da sua época.<sup>29</sup>

A conclusão desta tese é, indubitavelmente, que é preciso desconfiar ao máximo das ideias destiladas pelo Estado das classes dominantes, ou seja pela educação nacional.

As ideias e a ciência são sempre ditadas pela determinação de classe. São, ou reprimidas, ou então passam para o serviço da classe dominante que as molda para seu uso, a fim de as monopolizar e explorar, tornando-se para as massas um meio de opressão, de mistificação e de justificação das classes dominantes.

É essa a razão pela qual os marxistas falam de superestruturas políticas e ideológicas de sujeição. Isto salta aos olhos no que diz respeito à política que deriva do Estado, “violência concentrada” (Marx), mas a educação nacional não será ela também dispensada pelo Estado de classe, pelos professores que ele diplomou? Reconhece-se de bom grado que o Estado é déspota, mas considera-se que, no domínio das ideias onde cada um teria o seu livre arbítrio, é preciso convencer com a Razão e seduzir, ou seja engodar as massas. De fato, os dois são complementares, e assentam sobre uma violência comum: a terrível pressão das carências e da miséria, que refletem precisamente a carência absoluta e a dependência extrema dos expropriados. A diferença reside simplesmente no fato de que a primeira exprime uma violência aberta, franca; a segunda, hipócrita, beata e jesuíta.

### ***A profanação capitalista das obras sublimes***

Nas suas opiniões e críticas da arte e da ciência, Marx tem em conta antes de tudo condições materiais de evolução e, nas sociedades modernas, são as relações de dominação econômica e o dinheiro que são decisivos. Com efeito, apesar do idealismo das sociedades feiticistas, o espírito não reina. É aquele que paga que “suscita” as manifestações delicadas da arte e do pensamento: “Sou um homem mau, desonesto, sem escrúpulos, estúpido – mas o dinheiro é venerado: também eu o sou, eu que o possuo. Sou estúpido, mas o dinheiro é a VERDADEIRA INTELIGÊNCIA das coisas – e poderia então ser estúpido, eu que o possuo? ALÉM DISSO, COM O DINHEIRO, PODEM COMPRAR-SE PESSOAS E ESPÍRITOS, E AQUELE QUE TEM O PODER SOBRE AS PESSOAS INTELIGENTES NÃO SERÁ MAIS INTELIGENTE DO QUE AS PESSOAS INTELIGENTES DE QUE DISPÕE?”<sup>30</sup>.

Na sociedade mercantil desenvolvida em que vivemos presentemente, a inteligência vende-se e compra-se sistematicamente, e é com o dinheiro que nascem as universidades, enquanto a ciência venal funciona mediante um salário – e o patrão é o pagador. O dinheiro liga e mede tudo, como escreve Shakespeare: “Ora! Deus visível que liga estreitamente as coisas INCOMPATÍVEIS, e as obriga a abraçarem-se, que fala por todas as bocas e une o que é contra a natureza!<sup>31</sup>”

No período venal do capital, os artistas e os pensadores são constrangidos à mediocridade ou ao silêncio. A razão deste fato reside em que a sua arte e o seu pensamento são, mais ainda do que todas as outras atividades, atividade social, enquanto o cretinismo da nossa sociedade degenerada faz disso o ato mais pessoal e mais privado, cerceando todas as relações essenciais para justificar o seu princípio de apropriação privada. É isto que explica que, para se exprimirem, para se fazerem entender, os artistas tenham a maior necessidade do consentimento das multidões, ou, segundo a expressão de Marx, da “aprovação e da admiração dos outros<sup>32</sup>”. Se pretendem pois “ter êxito”, devem dar provas, em tempos de paz social, em que toda vida real se apaga quase na sociedade, de um sentido desenvolvido, cortesanesco e vil, do que pode agradar, de tal forma que fazer dinheiro lhes é particularmente fatal dado que isso implica fazer a apologia da ideologia dominante, vil e baixa do burguês, da burguesia – tornando-se o ornamento dos poderes detentores do dinheiro. Em período revolucionário, certos artistas separam-se do monte e colocam a sua sensibilidade ao serviço da coletividade. Em suma, a realidade demonstra que os artistas, mais do que “gênios” sublimes, não passam de *servidores*, intérpretes, bons e maus, de determinada causa.

O capitalismo, que suscita um individualismo furioso na concorrência para ganhar a sua vida e “impor-se”, agrava ao máximo a condição dos artistas ao desenvolver a publicidade feita em redor dos grandes nomes. Muito sensatamente, as sociedades pré-capitalistas deixam trabalhar na obscuridade e no anonimato para o bem de todos, os artistas e os cientistas, como todos os outros produtores.

O modo de remuneração dos pensadores e dos artistas resume a sua situação no capitalismo. Distingue-se pelo fato de que a obra do artista e do pensador é dificilmente separável da sua pessoa, se bem que fique na maioria dos casos e na maior parte do tempo embaraçada nas relações de *dependência pessoal* de outrem, quanto mais não seja apenas porque é pago pelos rendimentos das pessoas que gozam com a sua arte, ou seja, classifica-se na mesma categoria dos lacaios e criados.

Contudo, o capitalismo encontra por vezes o meio de fazer do artista um trabalhador *produtivo*, alugando os seus serviços ou vendendo as suas telas mais baratas do que pagou ao seu autor, de forma que o artista se torna *produtivo* de capital *sem vencer por isso o fato de que as suas atividades são manifestações superestruturais, baseadas no tempo livre e na mais-valia criada na base econômica pelos proletários*, dado que não deixa nunca de viver do rendimento de outrem, continuando a ser um “servidor” dos prazeres do pagador – um terciário. Nos períodos de prosperidade do capitalismo, a massa da mais-valia disponível na bolsa aumenta de forma inaudita, e as transações sobre as obras de arte tomam dimensões gigantescas. Estas determinações econômicas do estado do artista e do pensador explicam todas as suas transformações.

Com o capital, a arte e o pensamento degradam-se, tornando-se transacionáveis por dinheiro. Ora, desde o alvorecer das sociedades de classes, os pensadores e os artistas eram indivíduos fora do

comum, porque, na época em que o escravo ou o servo estava ligado ao trabalho produtivo e era desprezado por isso, o trabalho não produtivo do pensamento e da arte surgia como a atividade nobre e desinteressada de um demiurgo que exprimia um fato sublime. Além disso, ser considerado, sob o capitalismo, entre os trabalhos produtivos, é abandonar qualquer reivindicação de superioridade do trabalho “intelectual”, e portanto também qualquer pretensão a um salário dez ou quinze vezes superior ao do trabalhador manual. É por isso que os trabalhadores intelectuais e artistas se revoltam eles mesmos na maior parte das vezes contra esta degradação.

De fato, diz Marx, o artista como o escritor tende para permanecer tanto quanto possível na esfera etérea das atividades nobres, nem que seja para salvar os seus privilégios econômicos. Ora, são eles que a evolução capitalista mina no fim: cf. p. 131. Vejamos qual é o mecanismo.

A remuneração ou o serviço dos artistas, escritores, etc., determina-se como nas corridas: o cavalo vencedor entre os vinte concorrentes absorveu tanto trabalho como os outros, mas será o único a ser pago, absorvendo o “lucro” de um, o mal de todos os outros.

No ramo do trabalho “intelectual”, a diferença será mais forte entre trabalho “simples” e trabalho complexo, dando uma hierarquia louca das remunerações a partir da distribuição determinada pelo mecanismo do mercado. Isto passa-se como no *derby*, explica Marx: finalmente é um gênio ou um ídolo, Picasso ou Johnny Halliday, quem ficará com o “pacote”, e a multidão de todos os que cantaram, pintaram, compuseram, escreveram, etc., terá trabalhado para nada ou para pouco. É o super parasitismo de algumas marionetas, orgulhosas pela publicidade e capazes de se dobrar ao gosto e às exigências do *business*.

Daqui resulta efeitos em contrapartida que são espantosos. Já nem se trata de *profanação* da arte, que constitui a primeira etapa da obra dissolvente do capitalismo, mas propriamente de impostura. Picasso, por exemplo, dispõe só para si de um mercado tal que vulgariza todas as épocas e todos os gêneros do ofício. Pondo de acordo com o gosto depravado da sociedade senil do capitalismo, a um ritmo de cadeia de fábrica, as obras originais criadas por todos os seus predecessores e contemporâneos, eclipsa-os todos, copiando-os e gozando-os. Com esta fétida torrente niveladora, o ruído publicitário feito em redor do “virtuoso” abafa no mercado todos os talentos originais que morrem no ovo. Do mesmo modo, a difusão do jazz no mercado mundial depravou a inspiração original dos inumeráveis tocadores de jazz e *secou a sua fonte para o futuro*.

Como cada ato de um homem da classe dominante faz dele um herói, cada obra de um artista ou de um pensador o transforma num *gênio*. Não é por acaso que na época de Estaline, que ligou o mercado do Leste ao do Oeste, o culto da personalidade se alargou também ao gênio de pacotilha de um Picasso: a arte falsificada decompõe-se então, como sentimentos falsificados, aumentados pelo cinema e a televisão, numa época de decadência geral da sociedade que mata no ovo, desde que a história está imóvel, toda a vida e todo o sentimento autênticos. A arte deixa de ser viva para se tornar estereotipada, e, num rito monstruoso ao ídolo Cultura, as multidões embrutecidas desfilam perante Gioconda sob o matraquear da publicidade – tal como se ajoelham perante as relíquias sagradas na Sexta-feira Santa.

O mercantilismo da nossa época senil opera um nivelamento e uma degradação inauditos da arte – à medida da produção de massa moderna sobre um mercado cada vez mais universal: o primeiro gesto revolucionário do capital foi a *profanação* da arte e do pensamento; na sua fase senil, assiste-se à sua dissolução e à sua *decomposição*. O que é notável, é que este processo atinge os píncaros do trabalho “intelectual”, dito nobre, daqueles que vivem na mais-valia e do trabalho “livre” criados pelos trabalhadores produtivos explorados. Revela que as próprias camadas privilegiadas são socializadas e desprovidas da sua personalidade para se tornarem uma força de trabalho que se vende e se compra, ou seja assalariada reduzida ao desemprego. Tudo isto indica finalmente que o capitalismo é um sistema de transição para uma forma superior de apropriação.

No comunismo, o artista deixará de ser um servidor, desaparecendo também esse especialista, quando “tudo for dos indivíduos, que, entre outras coisas, farão pintura e música<sup>33</sup>”, porque será abolida a divisão do trabalho que divide os homens numa especialidade, da qual ignoram as adjacências.

Em *Anti-Dübring*, Engels escreve que “um dia, deixará de haver pedreiros e arquitetos de profissão, se bem que o *homem* que, durante uma meia-hora, tiver dado diretivas de arquiteto, andará também algum tempo a puxar o carrinho de mão, até que alguém de novo lhe peça que trabalhe como arquiteto! Que belo socialismo aquele que eternizaria os pedreiros de profissão!<sup>34</sup>”.

O homem liberto em todos os sentidos não será simplesmente erudito (ou cultivado) em todas as ciências, letras e artes, como o espírito enciclopédico, esse ideal seco e abstrato do racionalismo, que o próprio Hegel rejeitava (sendo, segundo a expressão de Marx, “herético” para a concepção burguesa) quando declarava, baseando-se nas altas figuras do passado medieval) num Leonardo Da Vinci, por exemplo: “Por homens cultos, deve em primeiro lugar entender-se os que podem FAZER o que FAZEM TODOS OS OUTROS<sup>35</sup>”.

Portanto deste modo, vocês querem, vocês comunistas, abolir não só a propriedade privada, a pátria e a família, mas ainda a Ciência, a Arte e a Cultura? Sim, sem dúvida nenhuma, desde que delas se façam, como hoje, entidades abstratas que dão lugar a profissões, desde que as idolatrem, ou seja, que “os produtos do cérebro humano pareçam dotados de uma vida própria, figuras autônomas que têm relações entre si e os homens – como é o caso, no mundo comercial, dos produtos criados pela mão do homem<sup>36</sup>”.

A ciência não destila verdades absolutas, mas relativas. É por isso que Marx aborda simultaneamente objetos e ideias n’O Capital: o fetichismo das sociedades mercantis – tanto no Leste como no Ocidente, nos nossos dias – caracteriza-se precisamente pelo fato de que um objeto ou uma ideia é produzida para ser vendida, alienada, se bem que se autonomize em face do produtor no mercado, onde a força de trabalho, os instrumentos e os produtos se acumulam para serem trocados, dominando os produtores desprovidos das suas criações e com necessidades.

### **A “educação” comunista**

Se, por vezes, utilizamos a palavra *educação* num contexto comunista, não é para alterarmos as nossas próprias afirmações sobre a sua abolição na sociedade sem classes. O próprio Marx exprime-se desta forma didática em *O Capital* para sublinhar de que maneira os conceitos da sociedade de classes se transformam em formas novas, totalmente originais, durante a fase de transição da ditadura do proletariado. De fato, como explica Marx n' *A Ideologia Alemã*<sup>37</sup>, por exemplo a propósito do ambíguo termo *valor* nas nossas sociedades, uma linguagem nova nascerá com a forma de produção nova do comunismo.

Marx nunca opõe qualquer concepção “positiva” às soluções burguesas, porque o comunismo é abolição das relações burguesas, ou seja na negação, depois síntese nova. Não admite portanto a idealista educação que vem de *ex ducere*, conduzir fora de, promover, abstraindo e autonomizando. Fala de libertação do homem na base de um mundo material, completamente *revolucionado* para socializar e desenvolver o homem em todos os sentidos, após ter operado a fusão da cidade e do campo, do ensino e da produção, do trabalho manual e do trabalho intelectual, de tal forma que o homem deixará de ser uma pessoa “privada”, mas um homem social – se o comunismo tem um sentido<sup>38</sup>.

Dentro desta visão de classe, o processo de emancipação é essencialmente econômico e histórico (que o espiritual primeiramente apenas reflete e segue): num primeiro movimento, o homem aliena-se exteriorizando-se, ou seja vendendo a sua força de trabalho que, também ela, se materializa em produto externo. A passagem seguinte – abolição, que será efetivamente uma *supressão* e uma *vitória* (síntese nova) – faz com que o indivíduo não se desenvolva na sua singularidade e particularidade como no ensino “intelectual”, mas numa forma humana superior – o homem social, cujo desenvolvimento se identifica com o de toda a sociedade, desprovida para isso de todos os seus entraves, a divisão do trabalho, as classes, o dinheiro, o Estado, etc.

O próprio proletário tornar-se-á homem, não porque se elevará – como na educação tradicional – da matéria ao espírito, mas porque o indivíduo se terá identificado à espécie, ao gênero e a toda a humanidade, para se expandir integralmente em todos os sentidos.

### ***E a “cultura” operária?***

A formação intelectual do proletariado oscila entre dois polos completamente contraditórios, enquanto se mover na sociedade de classes. Em primeiro lugar, é indubitável que a classe operária é portadora da ciência do futuro. O velho Engels, ao evocar a superioridade deste saber, devido não às virtudes próprias de cada proletário, mas ao facto de que a sua classe representa a sociedade superior do comunismo, prevenia aqueles que aderiam ao partido após saírem das universidades: “Será de qualquer forma necessário que os senhores estudantes deem conta de que a “cultura”, com que se preocupam tanto, é muito medíocre em relação àquilo que os operários possuem já instintivamente, “de maneira imediata” no sentido de Hegel e de que devem, eles, apropriar-se ainda com mil sofrimentos<sup>39</sup>.”

Contudo, por outro lado, um dos caracteres essenciais e *perpétuos* do regime assalariado (que, como a experiência confirma duramente, se torna cada vez mais penoso) é a mediocridade inevitável do

nível de cultura dos operários em geral. A plena “educação cultural” das vastas massas não pode ser atingida na sociedade dividida em classes, mas apenas depois da revolução.

Fazer consciência a condição *sine qua non* anterior à revolução, seria adiar o socialismo *sine die*. Isso derivaria, além disso, de uma concepção arqui-reformista, segundo a qual o espírito guia o mundo e a consciência progride a despeito do agravamento da exploração que caracteriza o desenvolvimento capitalista: “Tanto para produzir maciçamente a consciência comunista, como para levar a cabo o próprio comunismo, é precisa uma transformação maciça dos homens, que só pode dar-se por meio de um movimento prático, por uma revolução. Em consequência, a revolução não é apenas necessária, porque não existe outro meio para derrubar a classe *dominante*, mas ainda porque a classe *subversiva* só pode conseguir através de uma revolução livrar-se, ela mesma, de toda a velha podridão do passado, tornar-se capaz de fundar uma sociedade sobre bases novas<sup>40</sup>.”

O desenvolvimento intelectual de classe é a consequência direta da situação econômica do operário, e esta é das mais complexas, porque evolui nas contradições, nos altos e baixos dos ciclos de crise e de prosperidade, com fases revolucionárias ou contrarrevolucionárias. O marxismo afirma todavia que “a grande indústria faz amadurecer as contradições e antagonismos da forma capitalista do processo de produção, ou seja, ao mesmo tempo que os elementos de formação e de consciência, os elementos subversivos da velha sociedade<sup>41</sup>.”

Nunca é onde o capitalismo está mais desenvolvido – ontem em Inglaterra, hoje nos Estados Unidos – que a consciência operária é a mais aguda e que a revolução se dá em primeiro lugar, oferecendo aí o capitalismo o máximo de resistência porque é o mais forte e o mais armado. É, pelo contrário, nos países onde as contradições econômicas, políticas e sociais são múltiplas e gritantes, de elo mais fraco. Esta simples constatação basta para refutar a tese do desenvolvimento progressivo da consciência de classe, que seria gradualmente cada vez mais intensa, ampla e aguda nas massas.

Seria necessário um grande volume para abordar esta questão que apenas mencionamos aqui. Mas o leitor pode encontrar noutras obras elementos de resposta mais completos<sup>42</sup>.

### ***Um ensino de classe***

Todo o sistema de ensino da sociedade capitalista assenta no racionalismo burguês, ou seja um idealismo ou iluminismo que esclarece os espíritos, a massa e a matéria. Neste sentido, o princípio da “revelação” está no seio das escolas burguesas tanto laicas como religiosas. Toda a sociedade dividida em duas classes é necessariamente idealista: a elite esclarecida dita as normas, e a massa bruta deve segui-las sem discussão. Nem sequer há lugar para a famosa liberdade de pensamento que a revolução burguesa pretendeu instaurar no mundo, dado que se trata de iluminar os espíritos a partir do monopólio “científico” de uma minoria, cujas ideias refletem os seus próprios interesses econômicos imediatos, em oposição aos das amplas massas que não podem escolher a sua verdade em função das suas condições e interesses materiais<sup>43</sup>. Este iluminismo, finalmente, apoia sempre os dominadores e os tiranos, e mistifica as massas pretendendo estar acima das classes.

Vejamos agora o efeito do mesquinho ensino elementar obrigatório sobre as amplas massas dos países *desenvolvidos*, tendo em conta que o proletariado tem “verdades” para as quais tende “*instintivamente*” *pelas suas condições materiais* de meio, condições que são diametralmente opostas às das classes dominantes.

As condições de exploração do capital, apoiadas pelo seu sistema de educação, entram de duas maneiras diferentes e complementares o ascenso do instinto de classes dos operários para o socialismo científico:

1. Em *O Capital*, Marx explica que as condições de trabalho nas fábricas e a exploração em geral têm um peso elevadíssimo no espírito dos operários: o vazio nos cérebros dos trabalhadores não pode comparar-se ao espírito gasto e inculto, mas disponível, porque a *fábrica embrutece e debilita o corpo ao mesmo tempo que o espírito dos operários*<sup>44</sup>.

O tempo livre de que dispõem nos nossos dias os operários assalariados não passa da outra face do vazio etéreo de embrutecimento do seu trabalho na fábrica. É o “vazio do vazio” (qualificado pelas palavras atrozes de *reforma, licença, desemprego, férias*), que hoje avilta na maior parte dos casos os assalariados. Há vinte anos que os abutres dos clubes de férias, bem como o Estado com os seus centros culturais, os seus animadores e educadores, se precipitaram sobre esta presa, para efetuar negócios e pilhar os assalariados, e o “vazio do vazio” cheira a bafio e a merda a todos os “indígenas” da beira-mar e das montanhas.

2. A escola inculca nas crianças preconceitos, sendo as suas “verdades” falsas para os pais operários, porque lhes ensinam os “pensamentos da classe dominante”.

A escola representa portanto, sob o capitalismo, uma arma poderosa de mistificação e de conservação entre as mãos da classe capitalista. Tem tendência para dar aos jovens uma educação que os torna leais e resignados ao sistema atual, e os impede de descobrir as suas contradições internas.

A escola burguesa é um molde que prepara a fábrica e os escritórios, um instituto de treino para a prisão assalariada: “A criança está limitada a um único trabalho que é estudar, empalidecer com os rudimentos da gramática, de manhã e de tarde, durante 10 a 11 meses por ano. Poderá ela deixar de sentir aversão pelo estudo? Isto é suficiente para enfadar mesmo aquelas que têm inclinação para o estudo. A criança tem necessidade de ir, quando faz bom tempo, trabalhar para os jardins, para os bosques, para os prados; só deve estudar nos dias de chuva e na estação baixa, e deve ainda variar seus estudos. (...)”

Uma sociedade que comete o erro de encarcerar os pais nos escritórios, pode também acrescentar a asneira de encerrar a criança todo o ano num pensionato, *onde ela se aborrece tanto com o estudo como os professores*<sup>45</sup>.”

Quando Marx afirma que a educação deve partir da prática e da sensibilidade própria da criança, “os sentidos práticos, e sobretudo o nariz e a boca, sendo os primeiros órgãos com os quais a criança julga o mundo<sup>46</sup>”, não faz mais do que retomar a crítica de Fourier a qualquer ensino da “civilização”: “A escola coloca a teoria antes da prática. Todos os sistemas civilizados caem neste erro: não sabendo seduzir a criança para o trabalho, são obrigados a deixá-la em férias até aos 6 ou 7 anos, idade que ela deveria ter utilizado para se tornar um hábil prático; depois, aos 7 anos, querem iniciá-la na teoria, nos estudos, em conhecimentos cujo desejo ninguém nela despertou<sup>47</sup>.”

Os filhos dos proletários, habituados a viver nas ruas, são mais atingidos pela inversão iluminista da escola. Em consequência, Marx defendeu, no próprio seio da sociedade capitalista, a ligação entre produção, exercício físico e intelectual, por uma formação específica à classe operária<sup>48</sup>. Este sistema de educação de estrito caráter de classe não está de modo nenhum em oposição com o sistema comunista: baseando-se no movimento econômico estimulado na produção capitalista, a ação política e consciente do proletariado leva-o para além das limitações atuais, ao preparar imediatamente as condições para abolir as especialidades profissionais, intelectuais ou manuais nos produtores.

### ***Educação e promoção social***

Apresentar o ensino como um meio que se oferece a todos, como uma oportunidade de subida social, oferecida no alvorecer da vida, independentemente da origem social dos indivíduos, é típico da abstrata e oca democracia burguesa e procede de uma dupla mistificação, que só tem influência sobre os pequeno-burgueses que oscilam entre as classes exploradoras e a classe explorada:

Para a maioria, que só nos interessa numa visão de classe, o ensino apenas reproduz para o *futuro* as condições de saber e de ignorância, indispensáveis ao bom andamento do capital<sup>49</sup>. Daqui resulta a sua divisão fundamental em ensino elementar obrigatório e ensino superior, abandonando as crianças mais favorecidas o primeiro a partir da idade de 10-11 anos. A seleção feroz (que explica a angústia e por vezes a revolta nos jovens) é feita por grosso a partir da base econômica e não da inteligência igualmente repartida *potencialmente* em todas as classes, dispondo as crianças dos ricos de um meio material que as prepara muito “naturalmente” para a ideologia e as reações “dominantes”, e as pobres vivendo no estado que reproduz a pobreza, não condizendo as suas condições com o que lhes é ensinado na escola.

Em seguida, a escola afirma-se um meio hipócrita de atribuir a mais-valia e o tempo livre à expansão a uns, e o trabalho assalariado cego aos outros: “Se o operário faz sobretrabalho, é porque o *tempo de trabalho necessário* do capitalista é *tempo livre*, porque não precisa dele para a sua subsistência imediata. Dado que todo este tempo livre permite um livre desenvolvimento, O CAPITALISTA USURPA O TEMPO LIVRE CRIADO PELO OPERÁRIO PARA A SOCIEDADE, ou seja a civilização. É neste sentido que Wade tem toda a razão quando afirma que capital é sinônimo de civilização<sup>50</sup>.”

No *VI Capítulo Inédito do Capital*<sup>51</sup>, Marx afirma que por meio desta usurpação, “o capital torna-se a potência democrática, filantrópica e igualitária por excelência”. Em seguida, graças ao ensino, pago pela mais-valia extorquida aos operários durante o tempo livre monopolizado pela classe privilegiada, “o capitalista torna-se o homem social por excelência (desabrochado em condições alienadas), e representa a civilização<sup>52</sup>”. A fim de que não subsista nenhuma dúvida sobre a natureza infecta e alienada desta civilização das sociedades de classe, Engels precisa a propósito da redação do programa socialista de Erfurt de 1891: “É preciso dizer que, dado o antagonismo social, também as classes dominantes são estropiadas tanto intelectualmente como fisicamente, e repito: ainda mais do que as classes oprimidas<sup>53</sup>.”

### ***A escola da ociosidade ou da superficialidade***

Esta civilização, por muito brilhante que se pretenda que seja, não pode ser separada das suas condições materiais de produção que são, para nós, determinantes. Só pode ser uma “falsa” civilização, tal como é a ciência apropriada pelo Capital, que pode evidentemente servir os seus fins de produção e de exploração, mas não pode ser considerada como o *nec plus ultra* da humanidade presente e futura.

Marx, como os socialistas que o precederam, não se satisfaz com isto. Owen, que combinara na sua “Cidade modelo” o trabalho produtivo com o estudo, compreendera já que o ensino escolar iluminista era o futuro necessário da civilização de classes ociosas e não valia mais do que essas mesmas classes. Em *O Capital*, Marx cita um outro dos seus precursores ingleses: “*Aprender na ociosidade não é melhor do que aprender a ociosidade... O sofrimento que um homem poupa em prazeres, encontrá-lo-á em doenças. Uma ocupação idiota das crianças (aqui John Bellers presente já as frivolidades de Basedow e dos seus imitadores modernos<sup>54</sup>) torna pateta o espírito das crianças<sup>55</sup>.*”

E Marx, após ter comparado o sistema proletário ao burguês, dirá com desprezo, nas suas instruções para o congresso da Internacional em 1868: “Se a burguesia e a aristocracia desprezam os seus deveres para com a sua descendência, é lá com eles. A criança que goza dos privilégios destas classes está condenada a sofrer com os seus preconceitos<sup>56</sup>.”

A ciência ociosa, “revelada” nas escolas da burguesia, é essencialmente abstrata, livresca, escolar, estando separada da base – as condições materiais de vida e de produção pretensamente cegas, que o socialismo pretende justamente humanizar, “revivificar”, tornar inteligíveis e tão falantes como a criança; evoluindo e agindo aí, apropriar-se-á da herança espiritual objetivada nas máquinas e nas coisas pelas gerações anteriores, após as barreiras da propriedade privada das pessoas, dos grupos, das sociedades anônimas ou não, e das classes terem sido abolidas: “A existência objetivada que a indústria atingiu será então o livro aberto das forças e das aptidões do homem, a psicologia do homem no estado sensível<sup>57</sup>.”

Não é certamente introduzindo o trabalho manual de tipo artesanal, mais ou menos atraente, mas completamente fora de uso hoje, nas suas escolas “renovadas”, onde as crianças são evidentemente mais felizes do que nas rebarbativas escolas iluministas da “ciência da ociosidade”, que se familiarizará a criança com os meios de produção reais da sua vida e as leis científicas que aí são objetivadas ou com a natureza social do homem e mais simplesmente o meio ambiente, a natureza.

### ***A escola do parasitismo***

As escolas iluministas cultivam na criança a simulação e uma falsa pieguice que são a força do abstrato saber alienado: ela deve descrever, por exemplo, uma noite de Natal na Provença, onde nunca pôs os pés. Segundo Engels<sup>58</sup>, o espírito universitário, afirmando-se produtivo à sua maneira, faz mais com menos, ao abordar um tema com uma documentação insuficiente, realizando a ginástica da inteligência o todo e cobrindo-o com o seu brilho. Não compete aos professores por definição esgotar todos os conhecimentos da sua matéria? A escola ensina deste modo a pretensão e a suficiência do especialista e do perito: a escroqueria intelectual.

A escola forma também todos os que têm falta de inspiração, não por falta de talento próprio – coisa corrente e espalhada – mas pelas determinações da vida de uma sociedade capitalista em plena decadência com o seu conformismo esclerosado e as suas audácias galhofeiras, próprias das sociedades senis. No ambiente de negociata e de venalidade, a escola prepara os que exercerão as funções do capital, para explorar a ciência e a arte acumuladas por todas as gerações do passado e do presente – e no mundo inteiro.

Toda a arte não passa de hábil plágio, imitação e reprodução levados à perfeição técnica, com variações sobre temas mais do que gastos, desde a arte pré-histórica ou negra, à música religiosa. Uma ponta de violência muito atual, enxertada num tema de tragédia antiga, produz um policial, um “formidável” *western*, um filme de amor ou, mais à moda ainda, um pornô. A televisão prepara um grande público para estas produções, cerceando e, embotando os sentimentos para só deixar lugar à força mecânica do suspense e do sensacional no consumidor corrompido, sentado na sua cadeira à lareira no isolamento da vida privada onde mais nada é vergonhoso, dado que solitário e escondido.

O segredo do fabrico de todos estes “produtores” modernos é aquilo a que nós, marxistas ortodoxos, chamaríamos um *revisionismo sistemático*, tornado a ideologia das classes burguesas, a partir de agora parasitárias, que exploram o trabalho e as obras de outrem, compondo-as a seu gosto. Este espírito burguês, ensina-o a escola democraticamente aos indivíduos de todas as classes da sociedade – a uns longamente para o aplicar, aos outros brevemente para o sofrerem. Os mais inteligentes, assim que se libertam de escrúpulos e são oportunistas, fazem disto questão e sobem na escala social para formarem a elite, que monopoliza e transaciona a cultura, fazendo dela sua propriedade privada. O processo é simples: agarra-se no melhor dos outros – nos “clássicos” – e mistura-se aí, como contribuição individual, o que tem interesse no mercado de grande série: a vulgaridade que atinge e lisonjeia as massas.

O totalitarismo fascista, que conquistou o mundo inteiro diluindo-se nos países vencedores da última guerra, planifica não só a produção mundial, mas ainda a política e a ideologia, por meio das “mass media”, cuja rede é a partir de agora mais densa ainda do que os esgotos das lojas e das mercearias que carregam o dinheiro e a produção comercial através de todas as cidades e até para as aldeias aos mais calculados preços, sempre em subida. O fascismo começou, impondo brutalmente as suas hierarquias e elites. Estas expandem-se hoje espontaneamente por meio do mecanismo económico que monopoliza a ciência, a técnica e a cultura de forma corporativista nos corpos especializados de professores, de artistas, de engenheiros, de arquitetos, etc., que gozam privilégios de casta.

Para se “apropriarem” das obras das gerações passadas, os nossos contemporâneos chafurdam como porcos perante dois ídolos: em primeiro lugar o *Estado*, que garante a ordem social, com a sujeição dos produtores e a hierarquia quase burocrática dos privilegiados, em seguida o *indivíduo*, que faz negócios por sua própria conta. Esta sociedade, cada vez mais esclerosada e autoritária, desenvolve mais do que nunca a teoria “hitleriana” e “racista” da segregação das massas, por um lado, e da elite, do homem de exceção, do gênio, por outro. Sempre social, chega a admitir a preeminência do trabalho, mas unicamente para explorar os seus frutos, a obra. A pirâmide – base produtiva, depois esferas política e ideológica – só é reconhecida para ser derrubada, sendo o trabalho feito pelos “sacanas”, e a obra apreciada e apropriada

pela elite, a *máfia* dos privilegiados, com a mistificação do gênio, de que não se sabe de onde tira as suas virtudes. Nunca o trabalhador foi tão injuriado.

No capitalismo senil esclerosado, as funções do capital são desempenhadas por assalariados e desenvolve-se aí uma enorme aristocracia operária. Nestas condições, a louca hierarquia dos salários – maior em França do que noutro lado qualquer, o que testemunha a fraqueza dos sindicatos operários – exprime à sua maneira o parasitismo burguês que esfolo o trabalho produtivo: quanto mais penoso é um trabalho e se situa na esfera profunda da produção, mais mal pago e menos respeitado é, enquanto mais se abstrai do esforço, mais rende. Isto também se verifica no ensino – sem no entanto fazer dos professores em desvantagem “proletários”. Na parte inferior da escala, há os que saíram do primário, trabalham mais horas e são os mais mal pagos, depois vêm os diplomados (certifiés) e finalmente os efetivos (agrégis), fora do rebanho: menos horas, mais dinheiro!

Uma verdadeira escroqueria foi desenvolvida como conceito de especialização profissional, em que cada um se encerra num círculo fechado esotérico, caça reservada, garantida pelos leques salariais do reformismo, que funcionariza e esclerosa a atividade.

O totalitarismo é o filho natural do reformismo: o salário é cada vez mais determinado por elementos extra económicos que burocratizam os trabalhadores. Deste modo, a escala hierárquica varia de 1 para 12 em França. Mexerica-se até na vida privada, contingente de cada um, e o salário muda segundo o sexo, a idade (a antiguidade), a distância entre o local de trabalho e a habitação, e naturalmente os estudos, os diplomas, que têm por corolário inevitável as cunhas, o lamber de botas, etc.

A ciência não passa de um negócio de proxeneta, dado que cada um só se “apropria” do saber para trabalhar menos, mais agradavelmente, mais livremente E GANHAR MAIS. Assiste-se, segundo a expressão de Marx, num dos textos desta antologia, à evolução da função pública para a propriedade privada<sup>59</sup>. Num resumo surpreendente, Engels ilustra esta penhora dos indivíduos privados sobre uma função social, tal como por exemplo o ensino: “Esta evolução compreende-se melhor a partir da divisão do trabalho. A sociedade engendra determinadas funções comuns, sem as quais não pode passar. As pessoas que para aí são nomeadas formam um novo ramo da divisão do trabalho *no seio da sociedade*. Adquirem assim interesses particulares mesmo em face dos seus mandantes, autonomizam-se em face deles – e o Estado está lá<sup>60</sup>.” Só sob o capitalismo está a educação diretamente integrada no Estado, sendo ao mesmo tempo apropriada por grupos de indivíduos.

Nunca a ciência terá estado tão infectada pela venalidade e corrupção mercantil. Após o ascenso da fase inicial do capitalismo, torna-se mais falsa do que as intuições ingênuas dos modos de produção anteriores. Alguma vez se viu antes aplicar-se a ciência à corrupção da alimentação? A louca caça “científica” à produtividade tornou os cereais praticamente impróprios e perigosos para consumo humano, e substitui-se muitas vezes o porco por soja nas latas de presunto que se vendem! Algumas medidas de autoridade muito simples fizeram mais do que todos os institutos de investigação médica do Ocidente desenvolvido, fazendo desaparecer, por exemplo, na China, as doenças venéreas, que se espalham cada vez mais nos países desenvolvidos, apesar dos antibióticos.

A ciência nem sempre foi superior à força (política e econômica), e será assim enquanto for idealista e comerciante. Ora se a ciência burguesa não tivesse sido invertida e fetichista desde os seus inícios, não teria evoluído deste modo na sua fase senil. Einstein e Oppenheimer envergonharam-se - no fim da sua vida - por terem emprestado o seu saber à tecnologia avançada da morte.

É efetivamente na técnica que as relações fetichistas do capitalismo se manifestam mais cinicamente: os especialistas, que devem a sua vantagem à mais-valia extorquida aos operários e com a qual se constroem as universidades e institutos onde se concentra o “tempo livre” criado pela produtividade crescente do trabalho para desenvolver a Ciência, esses proxenetes defendem que o trabalho produtivo dos operários é cego e que só eles, com a sua técnica apreendida na escola, podem esclarecê-los e fazer deles o que quiserem, “comandá-los”.

Na massa cada vez mais ignorante e embrutecida enxertam-se parasitas sempre mais numerosos, cuja promoção é individual e privada. Qualquer talento e qualquer energia particulares se viram a partir daí para o parasitismo: trabalhar menos e ganhar mais, extorquindo uma vantagem particular para o indivíduo *que sabe aproveitar os seus dons pessoais para viver em detrimento dos produtores e do desenvolvimento geral das ciências e das artes.*

### ***E os operários?***

Com o seu oportunismo, o reformismo social-democrata, que se combina hoje com o estalinismo degenerado, levou todos os vícios do capitalismo senil para a classe operária dos países desenvolvidos, e não é por acaso que toda a ação comum dos dois partidos culmina no gesto fetichista do eleitoralismo<sup>61</sup>. Os revolucionários autênticos não deixaram, esses, de repetir que a via para o socialismo implica um parto difícil, e que não é possível mudar todo um mundo sem um sofrimento infinito – o que salta aos olhos de todos aqueles que estão habituados ao esforço do trabalho. Em princípio, o partido revolucionário evita qualquer decisão e qualquer escolha que poderiam ser ditadas pelo desejo de *obter grandes resultados por meio de um trabalho e um sacrifício mínimos*. Esta norma é evidente para quem quer que considere a sociedade como um campo de forças materiais em movimento, e pretenda uma mudança real.

O *oportunismo*, esse, traduz a tendência dos pequeno-burgueses para a preguiça e obedece à lei fundamental do capitalismo: obter o máximo de lucro com o mínimo de despesas.

O estalinismo oportunista despojou as massas da sua iniciativa e mandou às urtigas a regra da Primeira Internacional de Marx: a emancipação da classe operária será a sua obra própria. Sob Estaline, o Estado russo pretendeu edificar, com os seus planos quinquenais, o socialismo no lugar dos trabalhadores, e o impulso das massas foi interrompido pela fetichização do partido *governamental* e a personalização que fazia crer que um *indivíduo genial encontraria soluções - milagre na luta de classes*. Ao transformar a política de classe em política de Estado e de pessoas, empurrou-se os operários para uma via pretensamente cômoda, que os conduziu de derrota em derrota. Foram obrigados a aplaudir servilmente a “potência” do chefe genial sempre vitorioso, a grandeza dos textos de ilustres autores<sup>62</sup>, a eloquência de oradores bem-falantes e demagogos.

Esta verdadeira degenerescência que atinge a classe operária dos países desenvolvidos tem um carácter nitidamente romântico e idealista, e macaqueia as inversões do “pensamento dominante”.

A solução reside no método defendido por Marx-Engels, que veem nos fenômenos de massa da base econômica, ou seja em primeiro lugar a classe produtiva, a força motriz real da história. Isso implica uma total inversão das concepções burguesas e a negação revolucionária dos dois ídolos que são o Estado e o indivíduo. Numa fórmula tirada de *A Ideologia Alemã*, Marx-Engels sublinham a combinação sórdida que esses dois polos aparentemente opostos dão da ordem burguesa: “o egoísta é coerente consigo mesmo quando quer efetivamente fazer de cada indivíduo uma “polícia de Estado secreta<sup>63</sup>”. A partir do momento em que estes dois ídolos complementares são abolidos, acabaram-se as concepções “proprietárias” e parasitárias.

Este parasitismo só poderá ser extirpado quando já não houver apropriação individual, quando “cada um der segundo as suas capacidades e receber segundo as suas necessidades<sup>64</sup>”, sem já manter uma contabilidade da contribuição do indivíduo, tornado quantidade desprezível em relação às enormes forças produtivas sociais, em movimento da produção. Em vez de considerar que o motor da atividade é o incentivo do lucro, o homem social do comunismo considerará que o seu objetivo é a sua ativação, que permite o seu desenvolvimento em todos os sentidos, possível unicamente numa sociedade coletivista que não põe qualquer entrave ao desenvolvimento dos indivíduos “sendo aí a livre expansão de cada um a condição do livre desenvolvimento de todos” (Manifesto).

Nesta sociedade, já não se falará de educação iluminista, edificada sobre as formas reificadas e alienadas que são as escolas e os manuais que permitem uma apropriação privada e uma promoção individual, porque a ciência e as artes, de que as massas são privadas, estão aí consignadas ao abrigo, para proveito das classes privilegiadas.

A socialização da apropriação e do usufruto, em harmonia com a socialização já atingida da produção, permitirá abolir as classes dominantes e o próprio proletariado. É isto que implica a eliminação de todos os entraves ao desenvolvimento físico e intelectual do homem, ou seja antes de tudo a abolição da divisão do trabalho que suscita as classes e as mutilações que tanto a especialização como a não-especialização dão aos indivíduos. O homem novo nascido do revolucionamento das condições materiais da sociedade, e não do treino e da educação iluminista<sup>65</sup>, poderá então desenvolver-se à escala da sociedade inteira e será um *homem social*.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> Prefácio escrito por Roger Dangeville para a obra Marx e Engels: Crítica da educação e do ensino, originalmente publicada no Brasil por Editora Moraes.

<sup>2</sup> Roger Dangeville (1925-09/09/2006) é um importante tradutor francês que contribuiu para a descoberta de textos inéditos de Marx e Engels. Militante do Partido Comunista entre 1956 e 1966. Traduziu para o francês e prefaciou diversas obras de Marx e Engels e outros clássicos do marxismo. Fonte: Les Internationalistes. Disponível em: <<http://www.leftcom.org/fr/articles/2006-12-01/roger-dangeville>>. Acesso em: 26 mai. 2012.

<sup>3</sup> Por exemplo, a coletânea da Alemanha Ocidental, KARL MARX, *BildungundErzlebung* (Cultura e Educação), ou a da Alemanha do Leste traduzida do russo: MARX-ENGELS, *UeberErziehungundBildung* (Sobre a Educação e a Cultura) editada pelo professor P.N. Grusdew, VolkseigenVerlag, Berlim, 1971, 392 p.

Marx subintitula *O Capital* como as *Grundrisse, Crítica da economia política*, e já Lênine sublinhava que Marx nunca se coloca no terreno econômico nas suas análises, porque concebe a produção como um ato *biológico* de metabolismo entre o homem e a natureza. Deste modo, escrevia Marx em 1844, nos seus *Manuscritos parisienses* poderá apenas existir uma única ciência sob o comunismo, a das ciências da natureza.

<sup>4</sup> MARX, *Crítica do direito político de Hegel*, In MEGA (*Marx-Engels Gesamtausgabe*), 1/1, p. 497.

<sup>5</sup> ENGELS, *Anti-Dühring*, in *Werke*, 20, pp. 271-272. Uma crítica que se limitasse às partes negativas do sistema, sem ver que estas não passam da outra face das partes “positivas”, seria o mais insuficiente possível. Para Marx, em todo o caso, civilização e barbárie da sociedade condicionam-se reciprocamente: “A barbárie ressurgue, mas engendrada no próprio seio da civilização, como se lhe pertencesse. De onde barbárie leprosa, barbárie enquanto lepra da civilização”. (*Trabalho assalariado e Capital*, anexo sobre “O trabalho assalariado”, VI.) O totalitarismo fascista bem como os horrores monstruosos do subdesenvolvimento no mundo moderno são assim o produto necessário do capitalismo mais avançado, mais democrático e mais aperfeiçoado.

<sup>6</sup> Cf. ENGELS, *Anti-Dühring*, op. cit., p. 262. São portanto razões essencialmente econômicas que justificam transitóriamente as sociedades de classe. “Marx evidenciou de uma maneira tão impiedosa os aspectos terríveis da produção capitalista que sublinhou por outro lado que esta forma social foi necessária para desenvolver as forças produtivas a um nível que permitirá a todos os membros da sociedade uma evolução harmoniosa e digna do homem. Todas as formas de sociedades anteriores eram demasiado pobres para isso. Só a produção capitalista cria as riquezas e as forças produtivas que lhe são necessárias, ao mesmo tempo que produz também, com a multitude dos operários oprimidos, a classe social que será cada vez mais obrigada a ter em conta a utilização das riquezas e das forças produtivas para toda a sociedade, em vez de serem monopolizadas por uma classe, como hoje.” (Cf. ENGELS, “Relatório do Capital”, in *Demokratisches Wochenblatt*, Março de 1968).

<sup>7</sup> Cf. MARX-ENGELS, *Die Deutsche Ideologie*, In *Werke*, 3, p. 21.

<sup>8</sup> Cf. MARX, *Teorias sobre a mais-valia*, In *Werke*, 26/1, p. 280, no capítulo consagrado a Necker.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 128. Não se trata de uma sátira de Marx. As contas mais recentes da Segurança Social sobre a saúde mostram que, a despeito de uma progressão extraordinária do orçamento de doença, a patologia excede continuamente os cuidados prestados aos doentes nos próprios países que são melhor dotados de proteção social: a infecta economia moderna *produz* mais doenças do que pode pagar remédios.

<sup>10</sup> A ciência, tal como a arte e a técnica, não pode deixar de seguir, à sua maneira, o ascenso das forças produtivas. Ora, é no início do capitalismo, quando este foi o mais revolucionário, que se registrou a progressão mais forte da produtividade e a *taxa* mais elevada de crescimento da produção, enquanto a *massa* dos produtos atinge um montante vertiginoso à medida do desenvolvimento. Nos *Manuscritos Parisenses* (Ed. Sociales, 1962, p. 14). Marx cita alguns exemplos de aumento incomparável da produtividade capitalista *em relação* ao modo de produção anterior: “Com as forças motrizes novas e a melhoria das máquinas, um único operário nas fábricas de algodão não executava muitas vezes a obra de 100, até mesmo de 250 a 300 artesãos de antigamente?”

Voltando à educação no sentido mais estreito, os simples números seguintes testemunham a sua decadência na era do capitalismo senil: “O número dos analfabetos aumentou de 48 milhões entre 1960 e 1970” (cf. *Le Monde* de 10 de Setembro de 1975).

<sup>11</sup> Este volume sobre a educação segue-se à antologia sobre *Os Utopistas e Utopismo e Comunidade do futuro* que aborda a visão da base superior da sociedade comunista que, em Marx-Engels, está próxima da dos seus predecessores utopistas. O marxismo, ao fornecer uma base científica a esta visão, dedicou-se essencialmente a demonstrar a necessidade da passagem ao socialismo por um salto revolucionário, a partir da evolução econômica da atual sociedade capitalista, formando a economia, com o seu polo socializado, e o proletariado a base objetiva do socialismo, e não as superestruturas ideológicas de que o marxismo seria um prolongamento.

<sup>12</sup> O produto, que é o resultado de toda a combinação social da produção, indica mais claramente quais podem ser as manifestações intelectuais de uma dada sociedade. Como materialista consequente, Marx, ao inverter toda a problemática da psicologia atual, que parte do indivíduo e se encerra num círculo de que nenhuma ciência pode descobrir os lugares contíguos, declarava que é a *indústria que é o livro aberto da alma humana*. É, com efeito, nos objetos que formam o quadro da nossa vida corrente, do estúpido automóvel privado ao cigarro infeccioso, que se lê o caráter do homem moderno, consumidor autodestruidor que paga o mínimo dos seus gestos, para maior prosperidade do capital. É evidente que o Espírito plana muito baixo neste mercantilismo de todos os instantes, com as suas satisfações pusilânimes e baratas. O capitalismo, ao produzir para o indivíduo privado, dividido e atomizado, deve produzir artigos à escala liliputiana e mesquinha, porque o seu modo de distribuição é *privado*. O homem ganhará em amplidão espantosa, no plano da sua inteligência e do seu prazer, assim que a produção social já realizada caminhar harmoniosamente com uma distribuição e uma apropriação sociais.

As artes e as letras, que só dispõem hoje dos pobres meios privados dos seus autores, conhecerão então um ascenso, cuja amplitude é hoje insuspeitada.

Sobre o mecanismo da dissociação progressiva dos produtores dos seus meios de produção e de vida nas sociedades de classe, cf. “A sucessão das formas de produção e de sociedade na teoria marxista”, *Le Fil du Temps*, n.º 9.

<sup>13</sup> Qualquer sociedade encerrada em contradições de classe é idealista e inverte o justo termo das coisas, ao atribuir à classe dominante o monopólio da ciência, da cultura e da arte – pelo que faz partir todos estes “valores” do Espírito, e não do trabalho e da produção. Esta Inversão estende-se até ao domínio do ensino e da investigação, que dão a primazia ao espírito e à Inteligência. Ora, diz Engels, “em todas as disciplinas, não se trata de elocubrar as relações na cabeça, mas de as descobrir nos factos”. (*Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, IV, In *Werke*, 21, p. 265).

Fazendo tudo derivar do Espírito, e não das condições materiais determinadas, os burgueses atribuem todos os males da humanidade à falta de educação das massas: a comparação entre os rendimentos das classes cultas (privilegiadas) sugeriu-lhes, além disso, queo remédio para a pobreza e para o desemprego é pois... a educação! Marx ironiza sobre estes pobres paliativos que para nada contribuem senão para -aboltr o proletariado- por meio de algumas reformas, o que demonstra a sua

- Inconsistência, nas suas Notas Críticas de 7 de Agosto de 1944 (trad. fr. In Marx-Engels, *Ecrits militaires*, 1970, L'Herne, pp. 161-169).
- <sup>14</sup> Poeta grego do VIII século a. C., autor de poemas de caráter didático e moral. – N. T.
- <sup>15</sup> *Um capítulo inédito do Capital*, 10/18, 1971, p. 249.
- <sup>16</sup> *Ibid.*, p. 226.
- <sup>17</sup> Cf. MARX, *Miséria da Filosofia*, In *Werke*, 4, p. 157. A combinação no seio do processo de trabalho das matérias-primas, dos instrumentos e do trabalho vivo, dá dois tipos de produtos: um, *mediato* e material, é diretamente apropriado pelo capitalista individual; o outro, *indireto e social*, suscita a divisão do trabalho ou agrava-a, ao mesmo tempo que ela reproduz as condições de perpetuação da forma capitalista de produção e de distribuição. Cf. *Grundrisse*, t. 2, pp. 168-275.
- <sup>18</sup> Cf. Engels a B. Borgius, 25 de janeiro de 1894.
- <sup>19</sup> Cf. MARX, *Miséria da Filosofia*, In *Werke*, 4, pp. 154-155.
- <sup>20</sup> Cf. *Trabalho assalariado e Capital*, IV.
- <sup>21</sup> Nos *Grundrisse* (10/18, t. 4, pp. 60-62), Marx cita certos episódios ridículos da Introdução de máquinas que nada têm a ver com o gênio científico. Nenhum espírito inventivo condiciona o ascenso de um ramo de indústria: o capitalista pode apropriar-se da técnica ou das leis científicas que condicionam os processos técnicos no mercado contra dinheiro ou por fraude, espoliação e pilhagem.
- <sup>22</sup> Cf. MARX, *O Capital*, I, in *Werke*, 23, p. 407. A propósito da ciência enquanto força produtiva, cf. igualmente *Grundrisse*, 10/18, t. 2, pp. 53, 66, 108, 205, 214-215; t. 3, pp. 16, 61, 135, 143, 175, 327-328, 331-333, 339-342, 354, 356, 361; t. 4, pp. 16, 21, 38-39, 45.
- <sup>23</sup> Marx classifica a língua falada e escrita, entre as forças produtivas da base econômica (cf. *Le Fil du Temps*, n.º 5, pp. 39-46), dado que faz parte dos meios físicos de comunicação e de transporte que o capitalismo desenvolve ao máximo na sua fase revolucionária de criação do mercado mundial, como todas as mercadorias, incluindo a força de trabalho. Marx rejeitará toda a bagagem ideológica que sobrecarrega este ensino totalmente elementar da língua, que a burguesia dispensa parcimoniosamente nos inumeráveis países subdesenvolvidos e um pouco mais amplamente nos países desenvolvidos, ou seja em função das suas necessidades de exploração de uma força de trabalho simples ou complexa.
- <sup>24</sup> Cf. MARX, *Theorien über den Mehrwert*, in *Werke*, 26/3, p. 492.
- <sup>25</sup> Praça forte da Índia inglesa, no Golfo de Bengala e a mais célebres das cidades religiosas da Índia. – N. T.
- <sup>26</sup> Sobre a produção assombrosa do embrutecimento pela indústria moderna, Marx escreveu de maneira sugestiva: “Pretendeu-se até aqui que os mitos cristãos só puderam desenvolver-se porque ainda se não inventara a imprensa. É exatamente o contrário. A imprensa quotidiana e o telegrama, que em um piscar de olhos difundem as notícias em todo o mundo, fabricam num dia mais mitos (nos quais o reles burguês acredita e que espalha com zelo) do que antigamente se podia produzir num século.” (Cf. Marx a Kugelmann, 27 de Julho de 1871.)
- <sup>27</sup> Esta crise, que o nosso partido já previra há vinte anos para os anos 1975, apanhou de surpresa a ciência oficial e os partidos políticos conformistas, de direita e de esquerda. Cf. “A crise atual e as suas perspectivas revolucionárias”, *Le Fil du Temps*, n.º 11 e 12.
- <sup>28</sup> As relações complexas entre a base econômica e as superestruturas, bem como os seus elementos componentes, são estudados em detalhe em “Os Fatores de Raça e de Nação na Teoria Marxista”, *Le Fil du Temps*, n.º 5, pp. 33-43. Aos olhos do marxismo, a economia é a base mais segura e, quanto mais nos elevamos da produção às superestruturas, mais a força de inércia de cada nível estrutural não se acrescenta simplesmente à dos níveis inferiores, mas multiplica-se por ele. É na esfera etérea das ideias, passando do direito, à arte, à filosofia e à religião, que as formas são as mais delicadas, mas também as mais tenazes, prolongando de uma forma à outra sociedades de classe.
- <sup>29</sup> Cf. MARX-ENGELS, *Die Deutsche Ideologie*, in MEGA, 1/5, p. 35. Para já, pode dizer-se que uma cultura que abstrai as estritas condições econômicas de classe, tal como a cultura *popular*, interclassista, está por definição inteiramente submetida à ideologia dominante.
- <sup>30</sup> Cf. MARX, *Manuscritos Parisienses* de 1844, ditos econômico-filosóficos.
- <sup>31</sup> *Timão de Atenas*, IV, 3.
- <sup>32</sup> Marx a J. Weydemeyer, 16 de Janeiro de 1852.
- Em período revolucionário, poder-se-ia pensar que há artistas que se separam do monte e colocam a sua sensibilidade ao serviço da coletividade. Ora, constata Trotsky: “Os anos da revolução tornaram-se os anos de silêncio quase completo da poesia. Isto não foi de modo nenhum por causa da falta de papel”, cf. *Literatura e Revolução*, 10/18, p. 36.
- <sup>33</sup> Cf. MARX-ENGELS, *Die Deutsche Ideologie*. In *Werke*, 3, p. 379. Antes desta citação, Marx-Engels tinham sublinhado: “A concentração exclusiva do talento artístico nalguns indivíduos e a sua extinção consecutiva nas grandes massas são um efeito da divisão do trabalho.”
- <sup>34</sup> ENGELS, *Anti-Dühring*, in *Werke*, 20, p. 148.
- <sup>35</sup> Cf. a seguir, p. 203. Cada vez que citamos uma passagem reproduzida mais adiante no texto, não daremos a sua referência detalhada, mas remetemos simplesmente o leitor para a página onde ela se encontra na presente coletânea.
- <sup>36</sup> Cf. MARX, *O Capital*, in *Werke*, I, 23, p. 86. Cf. Igualmente “O caráter idólatra da mercadoria e o seu segredo”, capítulo bastante mal abordado pelo tradutor Roy (cf. Ed. Sociales, livro I, t.1, pp. 83-94). Esta abolição preocupa ao mais elevado grau os burgueses e os seus apologistas: “Tal como, para o burguês, o fim da propriedade de classe equivale ao fim de toda a produção, o fim da cultura de classe significa para ele o fim de toda a cultura. A cultura de que ele lamenta a perda não passa, para a imensa maioria, de um treino para dela fazer máquinas.” (*O Manifesto Comunista*, cap. “Proletários e Comunistas”).

<sup>37</sup> L. *Idéologie allemande*, Ed. Sociales, p. 263.

<sup>38</sup> É por isso que Marx diz na tese 3 sobre Feuerbach: “A doutrina materialista segundo a qual os homens são os produtos das circunstâncias e da educação, que homens transformados são pois os produtos de outras circunstâncias e de uma educação modificada, *esquece* que são precisamente os homens que transformam as circunstâncias e que *o educador tem ele mesmo necessidade de ser educado*. É por isso que ela tende inevitavelmente para separar a sociedade em duas partes, planando uma acima da sociedade (por exemplo, em Robert Owen).

A coincidência da mudança das circunstâncias e da atividade humana só pode ser considerada e compreendida racionalmente enquanto prática *revolucionária*.” (Cf. *Werke*, 3, p. 533.)

Seria propriamente monstruoso interpretar a fórmula segundo a qual “o próprio educador tem necessidade de ser educado” no sentido em que o Estado ou um partido político formaria os educadores; cf. adiante, p. 89 onde Marx se opõe firmemente a qualquer ensino dispensado pelo Estado tanto burguês como social-democrata. Marx pensa evidentemente no processo revolucionário que introduz, pela sua dinâmica material, um mundo humano na história, esse mundo humano, liberto das classes antagônicas e do dinheiro, permitindo só por si um desenvolvimento verdadeiro.

Como materialista autêntico, Marx considera as ideias como sendo perfeitamente relativas. É por isso que, contrariamente aos burgueses que sempre foram párocos e polícias, não admite a autocrítica infamante, meio demasiado cômodo para os espertalhões deporem as suas ideias em cada “viragem”, tal como nunca pensou em perseguir as ideias. No processo de Colônia, Marx gritou orgulhosamente aos juízes: “Se se consegue levar até ao fim uma revolução, pode enforcar-se o adversário, mas não condená-lo. Como inimigos vencidos, podemos eliminá-los do nosso caminho, se necessário, mas não os podemos julgar como criminosos”. (Cf. ENGELS-MARX, *Le Parti de Classe*, Petite Collection Maspero, 1973, t. 1, p. 176.)

<sup>39</sup> Cf. Engels a Conrad Schmidt, 4 de Fevereiro de 1892.

Nesta coletânea, referir-nos-emos a numerosas passagens de Engels sobre as inumeráveis deformações que os intelectuais formados pelas universidades trazem espontaneamente para o socialismo científico do proletariado revolucionário.

<sup>40</sup> Cf. MARX-ENGELS, *Die Deutsche Ideologie*, in *Werke*, 3, p. 71.

Em suma, enquanto o proletariado viver na sociedade capitalista, não pode existir uma visão consciente do seu futuro *em cada um* dos seus membros, nem na sua totalidade (tese obreirista). Do mesmo modo, é insensato pretender que esta consciência esteja na *maioria* desta classe (tese do fetichismo democrático). A contradição é a seguinte: um é impotente, e o conjunto também não pode, e isso parece conduzir à impotência eterna do proletariado. Contudo, a *saída dialética* encontra-se no partido de classe, o órgão do proletariado de ontem, de hoje e de amanhã.

Este dilema explica-se dadas as próprias condições materiais do proletariado, que é uma *classe* que tende para uma *sociedade sem classes*: não pode portanto ter ainda de maneira imediata o claro conhecimento de toda a espécie humana, mas apenas as bases da ciência do socialismo que Marx-Engels assentaram antes da degenerescência da sociedade moderna atual, bases que serão desenvolvidas após a revolução: cf. “A questão filosófica na teoria marxista”, *Fil du Temps*, n.º 13, cap. “Para a concepção teórica do socialismo”.

<sup>41</sup> Cf. ENGELS, “Análise do 1º livro do *Capital*”, In *A Gazeta de Düsseldorf*, in *Werke*, 16, p. 216.

Marx-Engels proclamam-no sem rodeios: é exatamente da sua miséria física e intelectual que o proletariado tirará, no decorrer das suas lutas, uma consciência, que se desenvolverá progressivamente, da sua missão histórica: cf. *La Sainte-Famille*, Ed. Sociales, pp. 46-48, em que a dialética da alienação e da emancipação é concebida sob o ângulo de um determinismo que rejeita qualquer concessão ao culturalismo podre de que dão provas os partidos operários degenerados.

<sup>42</sup> Cf. nomeadamente “A questão filosófica na teoria marxista”, in *Le Fil du temps*, n.º 13, pp. 133 e segs.: “Polêmica sobre a ‘questão da cultura’ no congresso de Bolonha de Setembro de 1912.”

<sup>43</sup> Engels cita diversos exemplos da maneira como as classes dominantes ergueram barreiras em redor do seu monopólio de cultura, a fim de evitar que não fosse comprometido por elementos saídos de outras classes sociais. Estes exemplos não podem evidentemente ser exaustivos, porque a classe privilegiada tem mil e uma maneiras de defender as suas vantagens: “Parece que na Rússia só “os filhos das camadas superiores” terão o direito de estudar, e para isso foi preciso suprimir todos os outros. Este destino atingiu pelo menos 24 000 jovens em 1873, e bloqueou-lhes a carreira, proibindo-os mesmo de serem instituidores. E admiram-se em seguida com a extensão do ‘nihilismo’ na Rússia.” (Engels a Bebel, 15 de Outubro de 1875.)

Para manter as massas na ignorância e evitar, além disso, que uma cultura geral despertasse demasiado em determinados espíritos, a Áustria “organizara as suas universidades de tal forma que só formavam especialistas, que podiam sempre ter êxito na disciplina particular da sua ciência, mas que não podiam em caso algum transmitir uma cultura geral sem preconceitos que as universidades devem transmitir” (*Revolução e Contra-Revolução na Alemanha*, cap. IV: “A Áustria”, in *Werke*, 8, pp. 31-32).

<sup>44</sup> Cf. mais adiante, pp. 201-203.

<sup>45</sup> Cf. Ch. FOURIER, *Le Nouveau Monde industriel et sociétaire*, in *CEuvres complètes*, t. VI, reimpressão anastática, Anthropos, p. 219.

<sup>46</sup> Cf. mais adiante, p. 230.

<sup>47</sup> *Ibid.*, pp. 213-214.

<sup>48</sup> Cf. mais adiante, pp. 203-224.

<sup>49</sup> Nos seus cadernos de extratos de Bruxelas de 1845, Marx notava que “a desigualdade dos conhecimentos é um meio de manter todas as desigualdades sociais, que a educação geral apenas se reproduz de uma geração para outra” (cf. Karl Marx, *Bildung und Erziehung*, besorgt von Horst E. Wittig, F. Schöningh, Paderborn, 1968, p. 101).

<sup>50</sup> Cf. MARX, *Fundamentos da crítica da economia política (Grundrisse)*, 10/18, t. 3, p. 22.

Uma abordagem muito sumária das estruturas da *base económica* e das *superestruturas* jurídicas, políticas, artísticas e ideológicas permite já delimitar nitidamente a natureza das classes da sociedade capitalista. Ela contradiz de forma flagrante as análises das classes feitas pelos partidos comunistas oficiais, cujo marxismo é grosseiramente de formado com fins oportunistas e eleitoralistas que implicam lisonjear as camadas privilegiadas, por vezes assalariadas, para as conquistar. Cf. por exemplo a obra

mais recente de Claude QUIN: *Classes sociales et union du peuple*, Ed Sociales. Este simples título é uma heresia, porque se a noção de *classe* implica um antagonismo social, a noção de *povo* significa a abolição de todas as classes numa amálgama híbrida monstruosa de caráter tipicamente burguês e anticientífico, dado que apaga qualquer determinação econômica, política e social na sua definição, que não é mais do que mistificadora.

<sup>51</sup> *Op. cit.*, p. 254.

<sup>52</sup> *Ibid.*, pp. 254-255.

<sup>53</sup> Engels a Kautsky, 28 de Setembro de 1891.

<sup>54</sup> Marx faz alusão ao sistema pedagógico de Basedow (1723-1790), que propunha escolas do amor dos homens e dos bons costumes, incorporando ao ensino escolar trabalhos de caráter artesanal, sistema hoje completamente ultrapassado pela grande Indústria. Cf. p. 210, nota 33.

<sup>55</sup> Cf. MARX, *Das Kapital*, I, in *Werke*, 23, p. 513.

<sup>56</sup> Cf. mais adiante, p. 223.

<sup>57</sup> Cf. mais adiante, p. 235.

<sup>58</sup> Cf. mais adiante, pp. 179-180.

<sup>59</sup> Cf. mais adiante, p. 58.

<sup>60</sup> Cf. Engels a Conrad Schmidt, 27 de Outubro de 1890.

Virando as costas a todas as absurdas ideias das sociedades de classe, segundo as quais o indivíduo é a sede da criação, Marx escrevia: “A questão de saber se um Rafael desenvolve ou não o seu talento depende inteiramente da procura (no mercado) e da divisão do trabalho, etc.” (*Die Deutsche Ideologie*, in *Werke*, 3, p. 377.)

Este sólido materialismo faz em seguida dizer a Marx, no que diz respeito à emancipação dos trabalhadores, “a classe mais numerosa e a mais inculta”: “Tendo todas as mutilações nascido historicamente, serão de novo abolidas historicamente. Entretanto, o desenvolvimento das crianças faz-se segundo o desenvolvimento dos pais” (*Ibid.*, p. 403).

<sup>61</sup> Não é de ontem que data este fenômeno, cuja amplitude evidentemente nunca foi tão grande como hoje. Engels conheceu-o muito bem e descreveu-o de maneira inexecedível: “Na Inglaterra e na América, em França como na Alemanha, a pressão do movimento proletário deu aos economistas burgueses a coloração quase uniforme do socialismo da cátedra filantrópica (cf. as teorias do bem-estar do capitalismo popular), e suscita um ecletismo bem-pensante e despido de espírito crítico que em todo o lado prevalece. É como uma espécie de gelatina mole, viscosa e maleável que consegue insinuar-se em todo o lado e forma uma excelente terra nutritiva para desenvolver como em estufa quente os arrivistas, assim como a gelatina verdadeira serve para criar bactérias. O efeito desta marmelada de um pensamento inconsistente e desvirtualizante faz-se sentir – pelo menos na Alemanha e nos Germano-Americanos – até no seio do partido, mas pulula exuberantemente nas suas fronteiras” (Cf. Engels a Georg Heinrich von Vollmar, 13 de Agosto de 1884.)

<sup>62</sup> Marx defendeu-se contra a fetichização do *socialismo científico*, que é o *pensamento da classe operária*, para cuja elaboração contribuíram em primeiro lugar as lutas físicas dos trabalhadores, cujo sentido, princípios e objetivo foram teorizados por inumeráveis mãos que apenas consignavam as manifestações intelectuais da classe revolucionária, num tempo em que elas apareciam luminosamente em lutas grandiosas e significativas: 1848. A ideologia burguesa tem tendência para despojar o proletariado do seu “pensamento”, atribuindo-o a pessoas, fazendo dele o “marxismo” (sabe-se que Marx dizia neste sentido: “Tudo o que sei, é que não sou marxista”).

Será necessário dizer que, se as ideias desenvolvidas nesta antologia exprimem bem a convicção daquele que as redige, a paternidade encontra-se na classe revolucionária, e nomeadamente no seu partido histórico, que consigna, acima das gerações, o pensamento e os princípios do proletariado. Numa palavra, é um pensamento perfeitamente anônimo, de classe, de partido: cf. MARX-ENGELS, *Le Parti de Classe*, Petite Collection, Maspero, 1973, 4 vol.

<sup>63</sup> A concepção anônima e materialista do militante de partido que antecipa o homem comunista, desinteressado e alérgico ao dinheiro, reflete-se diretamente no método de trabalho de Marx. É assim que Lafargue relata que, se o autor de *O Capital* teve imenso trabalho para encontrar os iniciadores autênticos dos grandes pensamentos econômicos e não simplesmente os seus autores mais reputados, não foi porque pensasse render homenagem ao culto absurdo das “criações pessoais”, nem porque pretendesse o pedantismo universitário, mas para demonstrar que nas viragens da evolução e em ligação com o desenvolvimento material da humanidade, nasciam também as ideias, devolvendo assim ao corpo social de cada época o que lhe competia por mérito.

Seria preciso todo um livro para explicitar a ligação entre os métodos de trabalho de Marx que trabalhava, não por dinheiro, mas pelo partido que visa a libertação da espécie humana, e as suas concepções sobre a “educação”. Por falta de espaço, não podemos reproduzir nesta coletânea interessantes testemunhos de pessoas que viram Marx viver e trabalhar. Claro que, frequentemente, as suas descrições são feitas através de um prisma deformante, mas é sempre possível separar o trigo do joio. Como verdadeiro revolucionário que antecipa com audácia o homem universal da sociedade comunista futura, Marx passava muitas vezes de um tema de estudo para outro, sabendo pertinentemente que o fio do seu método materialista ligava o todo de maneira coerente, opondo-se assim à concepção vulgar e proprietária dos universitários, que pretendem de cada vez esgotar um assunto numa disciplina *particular* – para “esgotar toda a questão”, ilusão de cretino especialista, ávido de se tornar senhor até mesmo das ideias!

<sup>64</sup> Toda a questão da “educação” se reduz no fim de contas à relação entre trabalho necessário e tempo de trabalho livre (para se expandir e não para fazer nada, como o sugere irresistivelmente a presente sociedade de sobretrabalho), ou seja à apropriação pela burguesia ou o proletariado. Não se poderá resolver o antagonismo entre tempo de trabalho e tempo livre senão generalizando para todos o trabalho manual, o que dará a cada um tempo livre para se expandir. No que diz respeito à dialética desta passagem, que corresponde à instauração do socialismo, o leitor poderá remeter-se à antologia de MARX-ENGELS, *Le*

---

*Syndicalisme*, Petite Collection Maspero, 1972, t. 2, pp. 92-107: “A redução do tempo de trabalho”, que é essencialmente a tarefa das organizações econômicas das massas.

<sup>65</sup> Em oposição às concepções “educacionistas” que colocam sempre o acento sobre o espírito e a psicologia-polícia desembocando no treino do homem, Marx-Engels exprimem o seu ponto de vista revolucionário: “Os operários continuariam a ser homens do passado se procurassem ‘o erro em si mesmos’, como faz o santo Sancho. Mas sabem muito bem que só deixarão de o ser em condições transformadas – e é por isso que estão decididos a alterar essas condições na primeira ocasião que se apresentar. É na atividade revolucionária que a sua própria transformação coincide com a transformação das circunstâncias.” (Cf. *A Ideologia Alemã*.)

Daqui a tese formulada em *A Santa Família* da abolição necessária do próprio proletariado: “Quando o proletariado tiver vencido, não se tornará de forma alguma o modelo absoluto da sociedade, porque só terá triunfado a partir do momento em que se tenha abolido a si mesmo, bem como o seu contrário”.